

Castro S. João das Arribas, Aldeia Nova, Miranda do Douro

Mónica Salgado



A proposta de análise que se pretende apresentar é a de observar o Castro S. João das Arribas, na sua evolução paisagística e tentativa de interpretação. Trata-se de um sítio arqueológico classificado como monumento nacional desde 1910 (Castro de Aldeia Nova – M.N. Dec. de 16.06.1910).

Por princípio, um castro é a materialidade de uma ocupação, de uma relação com o que existe, existência que se pode tornar num recurso. No caso particular do castro é importante analisar a sua implantação na paisagem, ou como contribui para a paisagem, a sua topografia paisagística, a ação do homem nesse determinado ambiente. A paisagem relaciona-se com a propriedade, com os recursos que ela dispõe, explorados pelo ser humano formando terrenos comuns, privados ou de ninguém. A paisagem marca um território, é um elemento identitário, uma marca territorial. A implantação topográfica do castro; os recursos naturais existentes; a alteração da paisagem pelo homem desde a primeira ocupação da história até aos dias de hoje e seus contornos sociais, culturais, financeiros, tecnológicos, económicos, fiscais, entre outros e a dinâmica paisagística resultante da atividade social do homem e da própria natureza, todos aspetos que têm de ser averiguados.

No presente estudo de caso, a cronologia deste povoado fortificado inicia-se na I Idade do Ferro e no séc. I da presente Era e foi romanizado. Por princípio, os castros implantam-se em áreas altas, como refere RIBEIRO (1987: 35) “*Esta mesma razão presidiu à escolha do sítio: grande número de povoações antigas ergue-se no alto dos montes, em cabeços fáceis de*

*defender, donde se dominam os campos e os caminhos.*¹ Porém, no caso deste castro tal não sucede, pois o mesmo implanta-se numa zona mais baixa mas sobranceira ao rio Douro. Por isso as questões impõem-se. Devido à escassez de informação pretende-se sobretudo caracterizar, compreender e interpretar o espaço, a paisagem que o envolve e a evolução paisagística que o sítio teve ao longo dos tempos. Pretende-se analisar o meio envolvente ao castro, como o usa, altera e faz evoluir. Existiria um ponto de vigia no ponto mais alto da área envolvente que dominasse a visibilidade do castro e caminhos? De fato, a defesa do povoado fortificado poderia ser relativamente fácil, pela topografia íngreme do espaço e pela planta estrutural do mesmo. Os recursos naturais existentes seriam escassos, existindo ao lado uma nascente e eventualmente, estes povoadores já cultivariam algum tipo de cereal, sendo uma economia agro-pastoril. A análise de solos seria uma importante fonte de informação sobre a flora existente ao longo do tempo no local, análise proveniente de escavações arqueológicas ou estudos geomorfológicos. Hoje, a paisagem é dominada pelo fortuito faunístico. Os campos e caminhos são cercados por muros de pedra, eles próprios construídos com técnicas específicas desta região. Perceber a integração dinâmica do castro na paisagem envolvente, na relação com os recursos, será a nossa aproximação.

¹ RIBEIRO, O. (1987), *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*. 5ª ed, Livraria Sá da Costa Editora. Lisboa.